

In Cordibus Nostris

# ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano V • Edição 06 • JUNHO 2024

## MEMORIA PASSIONIS, ESPIRITUALIDADE E ORAÇÃO



### Pe. Alcides Marques, cp

É religioso da Província Getsêmani. Graduado em Filosofia e bacharel em Teologia; Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (PUC/SP).

Ao falar em espiritualidade Passionista, precisamos incluir dois outros temas vinculados a mesma: o primeiro é a “memoria Passionis”, que vem do carisma Passionista e o segundo, é a vida de oração (pessoal e/ou comunitária) como parte essencial da vida religiosa e laical. Julgo interessante qualquer tentativa de aclarar a compreensão destes três temas e de ver qual é a melhor forma de fazer uma ligação entre eles. Tal é o propósito desta nossa reflexão.

A expressão latina “memoria Passionis” (memória da paixão) representa o núcleo do carisma Passionista. Se você é Passionista efetivo[1] ou afetivo[2], o tema da “memoria Passionis” te interessa sempre e deve atingir seus pensamentos, sentimentos e ações. Assim sendo, vamos trabalhar primeiro este conceito para desfrutar de toda a riqueza de seu(s) significado(s). Falaremos de dois significados, mas que estão tão interligados que deveriam ser entendidos como se fossem um só.

O significado mais direto tem a ver com memória da Paixão (com “P” maiúsculo), ou seja, da Paixão de Jesus Cristo. Este é o sentido utilizado pelos nossos fundadores e da consagração religiosa ou secular através dos votos ou compromissos. Propagar a memória da Paixão por palavras e obras é, antes de tudo, não deixar cair no esquecimento o fato histórico de que Jesus Cristo morreu pregado numa cruz – vítima do ódio dos poderosos de plantão, da covardia dos próximos a eles e do medo de seus (de Jesus) seguidores – e que essa morte representa o ápice de seu amor-ágape pela humanidade pecadora.

Existe também um outro significado da expressão “memoria passionis”. E este se refere à memória da humanidade sofredora. Não do sofrimento individual, inerente a todo ser humano; mas de um sofrimento coletivo, provocado, na maioria das vezes, por outros seres humanos. Tal ideia foi impulsionada pela excelente reflexão teológica de Metz (Johann Baptist Metz)[3].

1 Integrante de qualquer um dos grupos da família Passionista.

2 Que se identifica com o ideal Passionista sem fazer parte de algum grupo Passionista.

3 Cf. Memoria passionis: una evocación provocadora em una sociedad pluralista. Santander: Sal Terrae, 2007.

O acontecimento histórico catalizador, para Metz, foi Auschwitz (1941-1945): um conjunto de campos de concentração nazista, construído na região da Cracóvia (Polônia), responsável pela história de sofrimento e morte de milhões de pessoas.

Como falar de Deus depois de Auschwitz? Essa foi a questão mais espinhosa enfrentada pela teologia e espiritualidade, particularmente a judaico-cristã, no pós-guerra. Segundo Metz, tal história de sofrimento (da humanidade) não pode cair no esquecimento[4], porque é preciso que se faça justiça às vítimas. Mas de que forma? Não de uma justiça vingativa, mas de uma justiça libertadora: que busca enfrentar a mentalidade e a estrutura que gerou Auschwitz e que gera ainda hoje situações parecidas. A verdadeira justiça que se faz aos que morreram em Auschwitz não é matar os carrascos, mas “matar” a mentalidade que gerou os carrascos e as vítimas. [5]

Estas duas maneiras de entender “memória passionis” não são paralelas, mas estão interligadas. O ponto de partida pode ser qualquer uma das duas, desde que se chegue a outra. Observe que a categoria memória deve ser entendida em seu sentido bíblico e não como uma mera recordação. Na memória (bíblica) o fato histórico é trazido para o presente e essa experiência celebrativa e/ou narrativa gera um impacto existencial na vida de quem dela participa. Assistir um filme sobre a Paixão de Cristo ou sobre Auschwitz pode não ser memória, se somente gera um sentimento de dó diante de um acontecimento passado. Fazer uma viagem mental ao passado e celebrar hoje não é memória.

A memória exige que o fato passado se torne experiência no hoje. É por isso que no Diário de Anne Frank, a personagem principal (uma garota judia de 13 anos), não vê sentido em celebrar Pentecostes estando, com sua família, escondida dos nazistas no porão do escritório do pai. [6]

Voltemos ao sentido bíblico. O Antigo Testamento fala de memória (zeker) ou de recordação (zakar). Mas sempre em sentido dinâmico. Deus se lembra de determinada pessoa (ou povo) e concede-lhe algo a seu favor. Não é uma simples lembrança: lembra e faz algo a favor. Por exemplo: o caso de Ló: “Assim, quando Deus destruiu as cidades da planície, Ele se lembrou de Abraão e retirou Ló do meio da catástrofe (Gn 19,29). Ou de Raquel: “Então Deus se lembrou de Raquel: Ele a ouviu e a tornou fecunda (Gn 30,22). Ou do povo oprimido pelo Faraó: “E Deus ouviu os seus gemidos; Deus lembrou-se da sua Aliança com Abraão, Isaac e Jacó” (Ex 2,24). Este é o sentido que Metz quer que nós recuperemos na consciência cristã.

No caso concreto de nossa espiritualidade Passionista, a “memória passionis” não é sinônimo de devoção passiológica (símbolos, via sacra, coroa das dores, cinco chagas, semana santa). Mais do que isso, a memória é uma experiência – que atinge a pessoa como um todo. Já a devoção é um ato religioso, que quando corretamente realizado ajuda a experiência. Um exemplo de memória da Paixão vem da mãe de São Paulo da Cruz, Ana Maria Massari. Diante de algum sofrimento dos filhos – doença, contratempo –, mostrava o crucifixo e dizia: “Vê, meu filho, o quanto Jesus sofreu por nosso amor”. Isso é EXPERIÊNCIA do Amor Crucificado.

4 Metz identifica uma tendência de empurrar para o esquecimento este fato histórico e outros similares.

5 Lembremos aqui do sequestro, pelo Mossad (Serviço Secreto de Israel), na Argentina, do carrasco Adolf Eichmann e de sua condenação e execução em Israel (1962). A filósofa judia Hannah Arendt questionou fortemente a eficácia deste procedimento.

6 Cf. O diário de Anne Frank, 26 de maio 1944.

Esta mãe convidava seus filhos a uma experiência de associação do sofrimento enfrentado com o amor de Cristo Crucificado. E nessa experiência estava subentendida uma força de superação do respectivo sofrimento. É como se ela dissesse: lembrem e façam algo. Como o Deus da Bíblia.

O que a espiritualidade tem a ver com a memória? São sinônimos? Não<sup>[7]</sup>. A espiritualidade é, por assim dizer, o combustível que alimenta memória. Em que sentido? Gosto de (tentar) entender as palavras pela sua etimologia. Espiritualidade vem de “espírito”, força, impulso, movente, dinamismo... E diz respeito a uma dimensão humana como corporeidade, sexualidade, individualidade... É inerente ao ser humano como tal. Todo ser humano, por assim dizer, tem alguma espiritualidade.

O problema é qual espiritualidade. Para nós cristãos, ela se traduz no seguimento de Jesus Cristo. O refrão do canto de aclamação da missa dos Quilombos (cantada por Milton Nascimento) diz tudo: “Tu tens, Senhor Jesus, a última palavra. E nós apostamos em Ti”. Seguir Jesus é deixar que Ele indique qual deve ser o rumo da nossa vida; que Ele tenha a última palavra. E arriscar. Sempre arriscar. Com Ele e por Ele.

O seguimento de Jesus é o que qualifica a “memória passionis”. Com o seguimento, a narrativa da paixão (de Cristo e da humanidade sofredora e da criação que sofre), não ficará prisioneira de um olhar dolorista, mas de um olhar comprometido, compassivo, solidário. Promover a “memória passionis” é viver e promover o amor do Crucificado e o amor pelos crucificados. Não como dois momentos distintos, mas como um único momento em duas direções:

uma vertical (de Cristo e para Cristo) e outra horizontal (para os crucificados). Lembremos aqui das duas hastes da cruz.

A vida de oração é o aditivo da espiritualidade. “Sem a oração, todo edifício espiritual cai por terra”, dizia São Paulo da Cruz. O cultivo de uma vida de oração, o esforço (ascese) para se criar um hábito de oração é sim parte essencial da vida cristã. O mundo pós-moderno propiciou o retorno da experiência religiosa, infelizmente em um enquadramento fortemente individualista. O que precisamos não é negar este retorno, mas calibrá-lo em função do seguimento de Cristo e da “memória passionis”.

São Paulo da Cruz falava em “rezar 24 horas”. É claro que ele não está se referindo propriamente aos atos religiosos de rezar (Eucaristia, Liturgia das Horas, devoções comunitárias e particulares, meditação). O que ele está sugerindo aqui é a manutenção de um “espírito de oração” que envolve os diferentes momentos do cotidiano e que favorece uma melhor concentração nos momentos específicos de oração. Atos religiosos e espírito de oração. E a vivência dos mesmos em função de uma espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo, que promove continuamente a “memória passionis” para nunca deixar cair no esquecimento a Paixão de Cristo e a paixão da humanidade (criação) sofredora. Tal é o caminho que devemos percorrer.

#### **PERGUNTAS:**

**1 – De que forma a memória da paixão (de Cristo e da humanidade sofredora) tem estado PRESENTE em minha vida pessoal, comunitária e apostólica?**

7 A “memória passionis” inclui também a missão apostólica.

2 – Quem tem a última palavra em minha vida? A quem eu sigo? Consigo perceber as consequências da minha resposta a esta pergunta?

3 – A nossa vida de oração (pessoal e comunitária) tem ajudado no seguimento de Cristo a partir da “memoria passionis”?



Família Passionista  
JUNHO 2024

7 - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus;  
Recordação da ordenação presbiteral de S. Paulo da Cruz, em 1727;  
8 - Festa do Imaculado Coração de Maria;  
11 - São Paulo da Cruz faz a profissão dos votos religiosos, em 1741;  
12 - Memória do B. Lourenço Salvi, Passionista;  
15 - Beatificação de Edvige Carboni, leiga e mística, da Confraria da Paixão;  
24 - Natividade de São João Batista;  
28 - Festa do Imaculado Coração de Maria  
29 - Recordação do Venerável Pe. Norberto Cassinelli, CP; Canonização de São Paulo da Cruz, por Pio IX, em 1867.

Contato por e-mail:  
[espiritualidadepassionista@gmail.com](mailto:espiritualidadepassionista@gmail.com)

## EXPEDIENTE

Equipe de Espiritualidade da FPB

**Ir. Jaqueline B. de Oliveira, cp**  
Província São Gabriel

**Cl. Luiz Carlos Rodrigues da Silva, cp**  
Província Getsêmani

**Ir. Maria Irene da Silva, cp**  
Província Rainha da Paz

**Maria do Socorro Marcos da Silva**  
CLP – Província Getsêmani

**Ir. Rosana Bertachi, cp**  
Província Imaculado Coração

**In Cordibus Nostris**  
**ESPIRITUALIDADE**  
**PASSIONISTA**

Edições anteriores  
[vidapassionista.org](http://vidapassionista.org)

